**DESLOCAMENTO DO SONHO:**

**IMIGRAÇÃO E EMIGRAÇÃO NO BRASIL\***

*Neide Almeida Fiori*\*\*

Este estudo trata de movimentos populacionais no Brasil e enfoca a mudança de posição ocorrida: de país receptor de imigrantes a exportador de emigrantes.  Sob a **perspectiva imigrantista** do século XIX, analisam-se: 1) a influência das teorias raciais na decisão de acolher imigrantes europeus/brancos; 2) as necessidades estratégico-militares no sentido de serem ocupadas, com um projeto de colonização rural, terras do Sul do Brasil. No que diz respeito à **perspectiva emigrantista**, analisa-se, a partir da recente década de 80, o contexto de mudanças nacionais e internacionais a partir do qual o Brasil torna-se uma terra de emigrados. Nesse sentido, o paradigma da análise será a emigração de brasileiros para Portugal.

**1.** À guisa de uma reflexão introdutória ao tema,[[1]](http://www.museu-emigrantes.org/neidi-fiori.htm" \l "_ftn1" \o ") pensemos sobre os personagens que estão implícitos no título deste estudo - os *imigrantes* e os *emigrantes*. Um pouco à semelhança de face e contraface, referem-se ao mesmo fenômeno social, o das migrações humanas: os emigrantes saindo de sua terra para "permanecer fora" e os imigrantes entrando em terra alheia "para ficar".

Essa "saída" e essa "entrada", situações típicas do processo migratório, sempre provocam um rearranjo na ordem social, tanto para o país que permite a suas populações enfrentarem uma situação análoga à diáspora como dispersão pelo mundo; quanto para a terra que recebe os novos personagens.  Compreende-se isso: os seres humanos que migram levam consigo os seus valores básicos, sua religião, seu idioma, sua experiência pessoal de relação com a ordem jurídica, sua forma de inserção no processo econômico; e até se pode dizer (usando agora de uma certa licença lingüística) que os migrantes ao portarem a sua cultura, trazem também, agasalhados n'alma, os seus nacionalismos.

No Brasil, as primeiras levas de imigrações estrangeiras ocorreram no ano de 1818, período em que D. João VI e a corte portuguesa aí se encontravam. Na ocasão, numa tentativa de introduzir uma forma de produção econômica que se opusesse à monocultura, foram encaminhados imigrantes suíços para o estado do Rio de Janeiro e alemães à região Nordeste; mas considerou-se que na última região o projeto não obteve êxito. No entanto, o encaminhamento de famílias de portugueses já ocorreu a partir de meados da segunda metade do século XVIII. Neste momento, colonos provenientes dos Açores foram instalados em regiões litorâneas do estado de Santa Catarina e no estado do Rio Grande do Sul, onde desempenharam um importante papel demográfico, mas insuficiente devido às necessidades destas regiões.

A região Sul do Brasil constituiu-se numa preocupação, no sentido de manutenção de conquista, desde os tempos da Coroa Portuguesa, tanto que naquela época foi construída, na área, uma expressiva quantidade de fortes/fortalezas[[2]](http://www.museu-emigrantes.org/neidi-fiori.htm" \l "_ftn2" \o ") - temia-se uma invasão da América Hispânica, considerada como "eterna inimiga". Mais tarde, em 1822, ao dar-se a independência política do Brasil, o receio passa a ser dirigido, principalmente, à Argentina, que poderia facilmente adentrar nas terras brasileiras, de tão frágil povoamento, sem defesas militares e com tantas áreas devolutas. Assim, no âmbito de ações geopolíticas muito apoiadas pelo exército brasileiro, a região Sul foi escolhida para a se concretização de um ambicioso projeto de imigração de base agrícola, envolvendo os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul,[[3]](http://www.museu-emigrantes.org/neidi-fiori.htm" \l "_ftn3" \o ") num total de 577.723 km2, correspondente a 7% da extensão do território nacional.

Nessa área, ao lado das populações indígenas autóctones e das luso-brasileiras que já habitavam a região, foram instalados os imigrantes estrangeiros, inicialmente os alemães e, pouco depois, os italianos. Assim que chegaram, seguindo em muitos casos o curso dos rios, logo começaram a derrubada da mata - o que costumava gerar sangrentos confrontos com as populações indígenas que ocupavam a região - e a construção da residência primitiva; enfim, providências práticas para a instalação de suas famílias e o início do trabalho na agricultura.

Nas políticas de imigração brasileira implantadas no século XIX, podem-se apontar, como preocupações fundamentais: 1) **imigração** e **colonização** mediante a ocupação da terra em regime de pequenas propriedades rurais, nas quais os imigrantes/colonos se dedicariam às atividades agrícolas; 2) **imigração** e **questão racial** concretizada ao dar-se preferência a imigrantes europeus pelo fato de serem da raça branca.

Do ponto de vista racial, a realidade brasileira apresentava-se bem complexa por ser composta de um diversificado contingente populacional, e de seus descendentes: os portugueses, considerados os "descobridores"; os índios, originários da terra; os africanos, vindos para o Brasil na situação de escravos; e os mestiços, frutos de cruzamentos diversos.  Eram questões complexas a serem enfrentadas por uma sociedade miscigenada que admirava o modelo europeu expresso na figura do *homem branco*. Como realizar esta tarefa era uma grande questão. Assim,

a miscigenação se transformou em assunto privilegiado no discurso nacionalista brasileiro após 1850, vista como mecanismo de formação da nação desde os tempos coloniais e base de uma futura raça histórica brasileira, de um *tipo* nacional, resultante de um processo seletivo direcionado para obranqueamento da população. Como conseqüência será assunto obrigatório na discussão da política imigratória, especialmente a relacionada com a colonização, porque nesta estava em jogo o outro elemento fundamental da nação - a ocupação do território. (Seyferth, 1998, p.43)

No que diz respeito à formação da nacionalidade, o Brasil, assim como outros países, abandonou o modelo do romantismo alemão e de seu nacionalismo cultural, que muito prezava as tradições populares e o idioma, apesar de a unificação alemã (1871) habitualmente ser apontada como um grande exemplo de êxito político. Assim, nas reflexões a respeito da nacionalidade brasileira, logo surgiram preocupações de ordem pragmática: *como* ocupar o território?  E, paralelamente, a questão: *quem* deveria ocupar o território? Através deste esquema de articulação mental, passou a ser atribuído grande peso à questão racial, de forma mais discreta nos primeiros tempos do processo imigratório, que se inicia em 1818; e mais explícita, a partir da República (1889). Assim, nos debates e projetos relacionados com a imigração brasileira, a questão racial, como um princípio norteador, vai estar presente: imigrantes estrangeiros, sim; mas europeus/brancos.

Nesse contexto, amadurece a chamada "teoria do branqueamento da raça", que passou a ser aceita pela maior parte da elite brasileira, no período que vai de 1889 até por volta de 1914.  Tratava-se de um *constructo* peculiar ao Brasil, jamais adotado nos Estados Unidos e na Europa, e que poucas vezes aspirou ter ares de ciência.  Essa "tese do branqueamento" partia do pressuposto da superioridade da raça branca e do entendimento de que o Brasil estava sob o influxo de dois importantes fatores: 1) a população negra diminuía progressivamente; 2) a "miscigenação" produzia *naturalmente* uma população mais clara.  Nesta forma de conceber o social, a imigração de europeus serviria como instrumento para reforçar a predominância branca no país (Skidmore, 1976, p.81).

A aspiração por um Brasil como "país branco" encontrava então respaldo nas doutrinas raciais vigentes na Europa que, mesmo apresentando variações específicas por autor (Gobineau, Chamberlain e outros), sempre situavam os europeus no topo da hierarquia, ficando os negros e os índios, como expressões de barbárie e selvageria, localizados na base hierárquica. Assim, entende-se que a população de ex-escravos africanos que fora trazida para o Brasil não tenha sido sequer cogitada para assumir o papel que se destinou aos imigrantes europeus. No contexto da discussão imigrante, eram também muito importantes as questões referentes à mão-de-obra de origem escrava e indígena e John Manuel Monteiro, ao tratar do assunto, chega a afirmar que

as teses raciais passaram a permear esta discussão, colocando em causa a potencialidade  não apenas do índio, como também dos mestiços, dos descendentes de escravos e dos próprios ex-escravos, diante da propalada superioridade de imigrantes brancos. (Monteiro, 1998, p.17)

**2.** O século XIX tem sido considerado como o grande século da emigração européia; no dizer de René Rémond, não seria exagerado avaliar em 60 milhões o número de pessoas que deixaram o continente para estabelecer-se além-mar. (Rémond, 1986, p.199). Desse modo, vai ocorrendo a "europeização do mundo", apoiada em forte emigração de contingentes humanos e também no poder político e econômico gerado pelo domínio colonial, que cria Estados muito poderosos.  Mas as massas que emigram, salvo poucos casos políticos e religiosos, são pobres. O grosso da emigração européia foi

constituído principalmente de camponeses sem terra, de operários sem trabalho, de burgueses arruinados. As grandes levas de emigração coincidem com as crises econômicas que atingem a Europa: os países que contribuem mais substancialmente para esse movimento de emigração são os mais atingidos pela falta de trabalho e pela miséria. (Rémond, 1986, p.198)

Dentro desse quadro geral podem ser situados também os emigrantes que decidiram vir para o Brasil. Na grande maioria das vezes, uma "escolha mesmo"; algumas vezes, esse destino era definido pela impossibilidade de ir para os Estados Unidos ou para a Argentina. Nesse processo, articulada com as companhias de navegação e as empresas colonizadoras que comercializavam as terras, havia a figura dos "agentes de imigração" (ou "engajadores", na terminologia de Portugal).  Estes têm sido considerados como verdadeiros aliciadores de homens, e, por ser favorável aos seus negócios, ajudaram a difundir uma imagem utópica do Brasil, com frases feitas e até músicas. Na região do rio Volga, os alemães cantavam: "vamos para as terras brasílicas, que lá não há inverno algum". E ainda: "Quem ainda quiser ser feliz, deve viajar para o Brasil". Uma dessas canções, visando retirar as inseguranças que a distância e o largo mar provocavam, dizia, num refrão repetitivo: "O Brasil não é longe daqui" (Süssekind, 1990, p.22).

Na arte portuguesa, *Brasil* e *distância* tambémestiverampresentes, como na expressiva tela de António José Patrício, representando uma mulher com um olhar longínquo, fitando o horizonte, tendo ao seu lado uma jovem abanando seu lenço - sinal de despedida ou de saudades; ambas fitam o mar onde, lá, bem longe, adivinha-se que está o Brasil.[[4]](http://www.museu-emigrantes.org/neidi-fiori.htm" \l "_ftn4" \o ")

De uma forma ou de outra, acompanhando os que se aventuravam a atravessar o mar, sempre estava presente o "fazer a América" que, como um ideário, continha o desejo de sucesso econômico. No caso de imigrantes de origem italiana e alemã, o forte do sonho dirigia-se no sentido de poder ser dono da terra sobre a qual iriam trabalhar como camponeses; ou seja, fugir do regime das glebas do sistema feudal europeu e poder, enfim, ser "proprietário".

O domínio sobre territórios ultramarinos sempre esteve bem presente na consciência cultural portuguesa. Especialmente antes da partilha da África, efetuada sob a égide de Bismarck, no decorrer da célebre Conferência de Berlim (1884-1885) (Ferro, 1996, p.99-104). Esse fato, por certo, permitia aos lusos pensar assim: "terras, as temos em África". Desse modo, contrastando com as aspirações de imigrantes oriundos de outros países, o sonho do imigrante português no Brasil não era tanto a posse da terra, mas o enriquecimento. Essa representação apresentava-se tão forte que chegou a integrar o imaginário popular, como verdadeiro traço da cultura; e aflora quando se fazia a descrição de Lisboa:

A miragem do Brasil durante o século passado [século XIX] era grande. Falava-se de riquezas imensas acumuladas em pouco tempo, tendo simplesmente um pouco de sorte e de habilidade; e não havia português que não confiasse nestes dois fatores, o primeiro dos quais sempre tão inconstante e duvidoso.

Um modesto balcão, uma pequena fazenda arranjada em "terras de lá", como então se dizia, uns anos de trabalho e a fortuna sorria, dando o descanso, a abastança e as honras numa velhice sossegada, serena e feliz. De modesto caixeiro chegava-se a patrão; de simples servo do campo, a dono de quintas e herdades. O oiro era abundante; as libras ganhavam-se às mãos-cheias; os diamantes e as esmeraldas quase que se ofereciam à superfície dessa nova Terra da Promissão onde tudo era belo, grande e fácil.

Era esta a miragem. E partiam às centenas, desciam dos casarios ensombrados e puros das encostas das serranias; vendiam a courela, o moinho junto ao ribeiro onde a água muito límpida espadanava em espuma de neve; abandonavam a aldeia branca como os lírios, e chegavam aos bandos aos grandes cais de Lisboa. (Câncio,[[5]](http://www.museu-emigrantes.org/neidi-fiori.htm" \l "_ftn5" \o ") citado por Rocha-Trindade; Caeiro, 2000, p.15)

Os imigrantes vieram para o Brasil, portugueses e de outras nacionalidades.  Quantos?  Estudo de Fernando Carneiro (1950) afirma que, no período compreendido entre 1819 e 1947, o Brasil recebeu 4.903.991 imigrantes; mas o número real possivelmente terá sido maior do que esse dado indica. Um expressivo número desses imigrantes foi instalado no país, segundo plano e determinação governamentais.  Esta foi a situação típica das colônias agrícolas formadas por imigrantes alemães e italianos principalmente, instalados na região Sul do Brasil.

Quanto à imigração portuguesa, o Brasil não lhe destinara local de assentamento específico no território nacional; possibilitou-se assim que se tornasse a mais urbana das correntes imigratórias, centralizando-se em grandes cidades como Recife, Rio de Janeiro e São Paulo.  Para ilustrar em termos quantitativos, no período compreendido entre 1872 e 1972 chegaram ao Brasil 1.662.180 imigrantes portugueses; mas o número real, deste um século de imigração, terá sido bem maior em virtude de existir uma intensa imigração ilegal.  No conjunto da grande diversidade étnica de estrangeiros que aportaram ao Brasil, os portugueses constituíam 31,06% desse total, valor certamente expressivo (Levy,[[6]](http://www.museu-emigrantes.org/neidi-fiori.htm" \l "_ftn6" \o ") citado por Bassanezi, 1995, p.17).

De acordo com Rocha-Trindade e Caeiro (2000), no período compreendido entre 1850 e 1930, o fluxo de portugueses para o Brasil apresentou os seus valores mais elevados e tem sido considerado a “idade de ouro” da emigração portuguesa para o Brasil. (Rocha-Trindade; Caeiro, 2000, p.9). Que sintomas de debilidade social podem ser indicados como capazes de gerar tão grandes fluxos de emigração?  Magalhães Godinho, ao estudar a estrutura da antiga sociedade portuguesa, do século XVII, aponta a existência de um clima de indecisões coletivas, fruto de "uma industrialização falhada, uma sociedade burguesa irrealizada, uma cultura sem eficácia social" (Godinho,[[7]](http://www.museu-emigrantes.org/neidi-fiori.htm" \l "_ftn7" \o ") citado por Alves, 1994, p.13).  A esses fatores, contrapunha-se a emigração como algo que, por depender mais da decisão pessoal de emigrar, permitia uma libertação do contexto coletivo.

Já no século XX, como fatores que sustentavam a continuidade histórica dessa emigração, as interpretações dirigem-se no sentido de que o governo Oliveira Salazar (início 1926) não quis e/ou pôde realizar uma reforma estrutural na economia portuguesa, que permitisse a absorção da mão-de-obra que se evadia para outros países.  Sobre o assunto, pensa-se na "patente hostilidade de Salazar pela industrialização" (Martins, 1996, p.87).

No Portugal salazarista são tempos, por um lado, de louvor ao Portugal Império, aquele que deu "novos mundos ao mundo". Por outro lado, são também tempos de exaltação idílica de um Portugal rural, fato que fez coincidir os valores do salazarismo com os próprios valores da sociedade camponesa, então largamente majoritária em Portugal. Cultiva-se, enfim, a imagem idílica de um "país-aldeia-rural", onde reinava a concórdia e a bondade (Martins, 1996, p.85). Esses valores básicos da cultura portuguesa de então, bem se expressam na canção "Uma casa portuguesa", de Arthur Fonseca, Reinaldo Ferreira e Vasco Mattos Sequeira, que muito ecoava musicalmente em terras lusas e pelo mundo, onde houvesse imigrantes portugueses:

Numa casa portuguesa fica bem

Pão e vinho sobre a mesa.

Mas se à porta humildemente bate alguém,

Senta-se a mesa com a gente.

E o estribilho repetia à saciedade:

Fica bem esta franqueza, fica bem,

Que o povo nunca desmente,

Que a alegria da pobreza está nesta grande riqueza

De dar e ficar contente.

Após 1930, a emigração portuguesa, sintonizada com os processos agrícolas e de urbanização que ocorriam, sofre variações de intensidade mas, de uma forma geral, pode-se dizer que continua forte. Contudo, a situação vai mudar, e praticamente desaparecer, no período depois da Segunda Guerra Mundial pois, respondendo aos apelos da recuperação industrial da Europa, esta transforma-se na opção preferencial dos emigrantes lusos.

Nos tempos atuais, a chamada "perda da identidade nacional" tem sido relacionada com as alterações sociais que sofre um país receptor de imigrantes.  De fato, estudos empíricos o comprovam: o processo de imigração tende a alterar a identidade social do país receptor.  Ocorreu isso no Brasil e possivelmente ocorre/ocorrerá esse fenômeno na Europa e em Portugal - a realidade considerada em especial no presente estudo.

O jornal **Diário de Notícias,** de Lisboa, publicou em manchete palavras do Bispo Dom João Alves: "Portugal corre o risco de perder a identidade" pois "o projecto cultural português, construído ao longo de oito séculos, está a ser contestado." (Lima, 2000, p. 64).  As informações referiam-se mais a uma luta entre católicos e ateus, por mais espaço na sociedade portuguesa. Contudo, o que se quer salientar é que a notícia revela uma concepção de identidade social como algo capaz de permanecer na seqüência dos séculos.  Esta notícia nos faz ainda pensar sobre o que Baycroft escreveu ao estudar o nacionalismo na Europa: em algumas nações a religião não conseguiu desempenhar qualquer papel no desenvolvimento de um caráter nacional distinto; mas várias nações definiram-se, em parte, em termos religiosos. (Baycroft, 2000, p.60). E este parece ser o caso de Portugal. E da Itália.

No decorrer daqueles dias circulou uma interessante notícia jornalística, referente à Itália, na qual se dizia: "Sim aos imigrantes desde que católicos"; "para salvar a identidade da Nação é necessário favorecer o fluxo dos imigrantes católicos, contra a maioria muçulmana" (Paixão, 2000, p.29). Esta afirmativa remete ao que Manuel Castells escreve sobre os presentes tempos de globalização, caracterizados pelo

ressurgimento do nacionalismo, manifestado tanto pelo desafio que impõe os Estados-Nação estabelecidos como pela ampla (re)construção da identidade com base na nacionalidade, invariavelmente definida por oposição ao estrangeiro. (Castells, 1999, p.44)

**3.**  Em questões de nacionalismo, a situação do Brasil é bem especial pois, como diz Maria Isaura Pereira de Queiroz, no país "há uma sinonímia entre os conceitos de identidade cultural e de identidade nacional, ao contrário do que ocorre na Europa" (Queiroz, 1989, p.29). Assim, pode-se compreender que Fernando de Azevedo, em seu livro **A cultura brasileira**, chegasse a afirmar que o catolicismo foi "realmente o cimento de nossa unidade [nacional]" (Azevedo, 1964, p.249).

O Brasil tem sido conhecido como "o maior país católico do mundo", aspecto que (supõe-se) deve tornar os emigrantes brasileiros bastante harmônicos com a cultura portuguesa.  Mas trata-se de um catolicismo como que aclimatado à realidade local, por caminhos de um sincretismo religioso[[8]](http://www.museu-emigrantes.org/neidi-fiori.htm" \l "_ftn8" \o ") que inclui diversos cultos afro-brasileiros sob a denominação de *candomblé*; e ainda abrange a *umbanda* que, de forma mais nítida, envolve divindades de diversas ordens: aborígenes, africanas e européias (viacatolicismo romano e espiritismo kardecista). Mas por tudo isso (ou "apesar de tudo isso"),

À base deste sentimento religioso vige predominantemente um certo catolicismo, desde a ocupação portuguesa até hoje. (...)

Um sentimento difuso é o substrato comum dos diversos níveis religiosos brasileiros, e é nesse contexto que se entende o "Brasil como o maior país católico do mundo". (Ribeiro, 1994, p.57)

No Brasil, os anos 30 e 40, quando analisados sob uma perspectiva interna, revelam-se como uma fase muito feliz para a emigração portuguesa, pois o ideário nacionalista do governo Vargas vai apoiar-se nas contribuições do pensamento de Gilberto Freyre e no endosso de uma interpretação do Brasil como tendo origem em "três raças" - os portugueses, os africanos e os indígenas.  Assim, as raízes históricas lusas passam então a ser, de forma muito explícita, consideradas como parte relevante da identidade nacional brasileira.

Sob a perspectiva externa, pode-se considerar os anos 40 como uma década atípica, para o Brasil e para o mundo. Eram tempos da Segunda Grande Guerra, e após seu término, todos estavam se ajustando ao novo jogo de forças da ordem mundial, com seus recentes centros de poder representados pela União Soviética e Estados Unidos, que despontavam vigorosamente como potências hegemônicas.

Nesses tempos, o Brasil parecia "dar-se bem" em termos populacionais. Inicia-se então um período de grandes migrações internas: rurais-urbanas e inter-regionais, conseqüência de diversos fatores como o alargamento de crescimento econômico, o aumento populacional, as estimulantes necessidades do mercado interno, a melhoria do sistema nacional de transportes facilitando a circulação de pessoas e de produtos. Enfim, na década de 50 já começara a fase das grandes migrações no âmbito do país, sendo típica a vinda de grandes massas de nordestinos rumo aos planaltos de Goiás (região Centro-Oeste, interiorana) para trabalhar na construção da cidade de Brasília.

O Brasil, com o objetivo de ocupar mais plenamente os territórios dos estados de Mato Grosso e Goiás, implementa a chamada "Marcha para o Oeste", apoiada numa ideologia que estimulava as migrações internas. Na ocasião, o governo podia afirmar, com um certo orgulho, que o país não tinha preocupações com o chamado "espaço vital", que fora colocado tão em evidência na ideologia de guerra alemã. Mais tarde, na década de 70 e tempos do governo militar, foi divulgado pelo país um *slogan* destinado ao Programa de Integração Nacional: "Homens sem terra do Nordeste para as terras sem homens da Amazônia," (Vainer, 1995, p.39-40) transmitindo a idéia de que as terras brasileiras deveriam ser ocupadas por brasileiros - não mais por imigrantes estrangeiros.  Enfim, tudo indica que os movimentos de população eram entendidos como capazes de satisfazer as necessidades nacionais.

A dinâmica do desenvolvimento brasileiro apoiava-se então muito na força do mercado interno, capaz de absorver a mão-de-obra nacional. O Brasil era considerado como um país fechado em termos demográficos e as imigrações internacionais eram entendidas apenas como um fato histórico passado:

A idéia de que o Brasil pudesse tornar-se um país de emigração parecia total insanidade nos anos 50 e 60. Mesmo nos anos 80, quando diagnósticos alarmistas e proposições de controle demográfico conquistaram adesões entre os formuladores de políticas e junto a determinados segmentos da academia, poucos foram os capazes de vislumbrar que a emigração já começava a ser algo mais do que a aventura e a experiência de alguns poucos indivíduos. (Vainer, 1995, p.40)

Isso nos anos 80, quando o Brasil, do mesmo modo que outros países da América Latina, vive uma década com características de "tempos de crise" - recessão, inflação, desemprego - que avançam pelos anos 90.  Contudo, do ponto de vista político havia vários fatos auspiciosos que podem ser referidos: amplia-se a organização política da sociedade, surgem novos partidos políticos, os movimentos sociais adquirem grande força - são tempos do movimento "Diretas Já" exigindo a democratização do país e eleições livres para a escolha do Presidente da República. No entanto, esse contexto de uma certa euforia política não impede que os problemas do panorama econômico conduzissem ao delineamento de um novo perfil do Brasil - país de emigração, exportador de mão-de-obra.

De fato, o início da década de 80 indica o começo da emigração brasileira para os Estados Unidos. O exemplo mais transparente é o estado de Minas Gerais, cidade de Governador Valadares, da qual expressivo número de habitantes estava imigrando para este país do norte.  Em meados da mesma década de 80, já circulam notícias da ida para o Japão, de brasileiros descendentes de japoneses; lá vão trabalhar como mão-de-obra barata e não qualificada e passam a ser conhecidos como *dakasseguis*.

O sonho se deslocava - o Brasil estava deixando de ser um país imigrantista, com uma imagem de nação aberta e acolhedora, para tornar-se um exportador de força de trabalho.  Mas essas referências todas - Estados Unidos, Japão - aqui figuram apenas como uma introdução ao que vai nos ocupar especialmente: a emigração de brasileiros para Portugal.

**4.** Por que os brasileiros passaram a escolher Portugal?  A resposta não é tão difícil de ser obtida. Saliente-se, inicialmente, que há um duplo liame de vinculação: 1) trata-se do país com o qual o Brasil tem as suas raízes primeiras - como navegadores, os portugueses aqui chegando propiciaram a inserção brasileira na cultura ocidental; 2) a forte corrente imigratória de Portugal para o Brasil, que se instaura após 1822,[[9]](http://www.museu-emigrantes.org/neidi-fiori.htm" \l "_ftn9" \o ") e se mantém forte por mais de cem anos, gerou um enorme contingente de luso-descendentes. E não se diga que isso não é importante.

A escolha de Portugal como destino de emigração ainda traz consigo as facilidades geradas pelo uso de um idioma comum; e, além de tudo isso, Portugal tem sido visto como uma porta de entrada para a Comunidade Econômica Européia. Nessa última perspectiva, que é mais estrutural, cabe salientar o crescente interesse das empresas brasileiras em investir em terras lusas, como caminho para atingir o mercado.

Os dados sobre a presença de brasileiros em Portugal, como quase tudo que diz respeito a informações quantitativas sobre migrações, são controversos.  Sabe-se, no entanto, que não é a corrente populacional mais numerosa; todavia, apesar de fatores que apontavam para a unidade e a harmonia - raízes históricas e idioma comum - tem-se, como fora de dúvidas, que a presença de brasileiros em Portugal é a mais polêmica de todas as emigrações contemporâneas brasileiras, tendo gerado inclusive incidentes diplomáticos. Houve momentos em que, devido sobretudo a uma *invasão odontológica,* envolvendo cerca de 500 a 800 profissionais da odontologia e que ocasionou bastante envolvimento da imprensa, a opinião pública brasileira foi também bastante mobilizada.

A presença migrante brasileira, em Portugal, apresenta características que a identificam (ou a aproximam) do tipo que a literatura tem chamado de "emigração de cérebros" (*brain drain*)*.*  Assim, emigraram profissionais de várias áreas de atividades, que lá vêm encontrando campo de trabalho.  Esse contexto foi criando uma situação de perfil único, que não ocorreu com brasileiros em outros países: em dadas situações, o migrante brasileiro realmente passou a se constituir numa ameaça aos portugueses, em termos de concorrência no mercado de trabalho; cita-se sempre, além da conhecida situação dos profissionais da odontologia, o caso dos artistas*.*  Perante esses fatos:

Do lado da população portuguesa, de um modo geral, existe uma atitude bastante ambígua em relação à questão, pois, se há o temor da competição em um mercado de trabalho restrito, há, por outro lado, uma simpatia para com o povo do "país irmão", que durante centenas de anos foi receptor dos emigrantes portugueses. Além do mais, coloca-se, na maioria das vezes, o caráter temporário desses movimentos migratórios, realizados por uma população essencialmente jovem, de classe média, que tem no horizonte o desejo de regressar ao Brasil. (Bógus, 1995, p.119)

O caso da emigração brasileira no campo das artes, de modo especial a música, apresenta-se também muito estimulante de se pensar em razão do gosto/interesse que a produção artística brasileira desperta em Portugal; esse entusiasmo parece ainda mais forte entre os de origem africana que estão em terras lusas - angolanos, cabo-verdianos e outros.

Essa relação envolvendo *imigração* e *música,* evidentemente, não tem em si nada de novo. Em seu estudo sobre a emigração portuguesa, Joaquim da Costa Leite, da Universidade Nova de Lisboa, faz referência à questão da música e lança a pergunta: a emigração como fado?  E logo responde:

emigração, fado e saudade são palavras que andam freqüentemente associadas na cultura portuguesa.  Da música à literatura, da política ao debate histórico, a emigração é geralmente encarada de modo negativo: artistas cantam o sofrimento de quem parte, governantes destacam os riscos da aventura para desencorajar potenciais emigrantes, políticos da oposição apontam para o abandono da pátria como prova da falha do governo. (Leite, 1999, p.181)

Dentro desse espírito de *imigração*, *música* e *saudade,* há uma canção de Roberto Leal que vêm ecoando em muitos lares do Brasil especialmente nos que, por laços de ascendência, se sentem ligados a Portugal.  Seu título "Quem somos nós" e sua letra vão descrevendo a saga do emigrante português:

Ao deixar a minha terra

Eu pensei que navegar

Era só partir p’ra longe

E um dia regressar.

Ao chegar à nova terra

Quis fazer dali meu lar

Estrangeiro eu fui p’ra sempre

Nunca tive o meu lugar.

Quem somos nós [os portugueses]

Em frente ao mar

Com sonhos loucos

De navegar.

Quem somos nós [os portugueses]

Em frente ao cais

Com sonhos loucos

Voltar atrás.

Num Natal que eu não esqueço

Regressei ao meu país

Cada amigo que eu conheço

me abraça e me diz:

Que eu deixei de ser quem era

E que estranha o meu falar

Imigrante eu fui p’ra sempre

Já não tenho mais um lar.

Quem somos nós [os portugueses]

Em frente ao mar

Com sonhos loucos

De navegar.

Quem somos nós [os portugueses]

Em frente ao cais

Com sonhos loucos

Voltar atrás.

Essa letra, que a música embala, abre caminho para uma reflexão teórica e nos leva ao mundo acadêmico dos anos 40.  Nessa época a Escola de Chicago, nos Estados Unidos, liderava os estudos sobre situações de marginalidade social, e naquele momento circulava com desenvoltura o seu conceito de *homem marginal,* Stonequist, (1948, p.31),***[[10]](http://www.museu-emigrantes.org/neidi-fiori.htm" \l "_ftn10" \o ")***aquele dividido entre duas culturas, como o emigrante português, o personagem da canção.

O assunto "música unindo duas realidades culturais" faz lembrar ainda uma luso-descendente, a cantora brasileira Fafá de Belém. Personagem emblemática, pela sua voz e sua participação na vida nacional. Quando da morte de Tancredo Neves (1985), primeiro presidente eleito democraticamente após o governo militar, foi Fafá de Belém que simbolizou a nação e, mediante os recursos da televisão, teve a imagem difundida por todo o país quando cantou, linda e comovidamente, o **Hino Nacional Brasileiro** - a última homenagem do povo ao seu Presidente.  Agora, ocupa-se com outras belezas e outras terras.  Mora em Portugal e (na letra de **Sempre que Lisboa canta**, de Carlos Rocha e Aníbal Nazaré) no CD "Meu fado" louva a sua cidade:

Lisboa cidade amiga

Qu'és meu berço de embalar

Ensina-me uma cantiga

D'as que tu sabes cantar

sempre que Lisboa canta

A gente canta a sua beleza

Pois quando Lisboa canta

Canta o fado com certeza.

O Brasil teve muito da divulgação de sua imagem no exterior creditada à televisão que se produz no país. O assunto, considerado marcante por Anthony Giddens, foi tomado como ilustração em seu livro **O mundo na era da** **globalização***,* ao falar a respeito de países que não pertencemao privilegiado grupo (pequeno) de países *O*cidentais/industrializados, mas que estão demonstrando serem capazes de influenciar os acontecimentos em qualquer parte do mundo. Esse fenômeno é designado por Giddens como "colonização ao contrário" e apresenta como exemplo "a venda de programas de televisão brasileiros a Portugal". (Giddens, 2000, p.27)

Assim, através dessa produção no campo da televisão, os portugueses encontraram uma forma de conhecimento da realidade brasileira; e, por extensão, dos brasileiros.  Personagens com os quais agora deviam conviver numa relação face a face - não mais mediada pelo imaginário da televisão. Os brasileiros ali estavam, na esquina, no bar, nas ruas, na competição por empregos, vivendo a situação de imigrantes em Portugal - *irreverentes*, *desrespeitosos*, *barulhentos*, segundo alguns; ou *comunicativos*, *espontâneos*, *alegres*, segundo outros.  Mas parece que há um certo acordo no sentido de dizer-se que são *criativos*, característica que possivelmente ajuda na sobrevivência em terra estranha e que, fora de dúvidas, é muito valorizada pelas empresas; daí dizer-se que os brasileiros se dão bem nas áreas relacionadas com a publicidade.

A carência de mão-de-obra na economia portuguesa foi analisada pela **Revista Visão**, em edição de 21 de setembro de 2000, onde se afirmou que essa necessidade poderia ser suprida com a presença do trabalhador brasileiro.  O periódico, lembrando a dimensão econômica da atividade do imigrante, diz também:

A restauração e o comércio têm especial preferência por trabalhadores do país irmão, não só por causa da língua, mas também pela sua tão conhecida boa disposição e simpatia. Chegou assim a vez de Portugal abrir as portas aos trabalhadores brasileiros.  Não em nome dos laços históricos e culturais entre os dois Estados, mas por razões puramente económicas.  Os brasileiros agradecem e as empresas também. (Ribeiro, 2000, p.160)

A verdade é que a emigração de brasileiros tem aumentado rapidamente. Dados referentes ao ano de 1991 davam a seguinte estimativa de distribuição de brasileiros no exterior: 330.000 nos Estados Unidos; 150.000 no Japão; 45.000 na Itália; 30.000 em Portugal (Patarra; Baeninger, 1995, p.82-83).[[11]](http://www.museu-emigrantes.org/neidi-fiori.htm" \l "_ftn11" \o ") Afirma-se que atualmente são 50.000 os brasileiros que estão em terras lusas, mas trata-se de um dado impreciso que circula um pouco com ar de pergunta. No final de 1999, o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras aponta que o Instituto Nacional de Estatística apresenta o registro oficial de 20.887 brasileiros com residência legalizada. (colocar esta parte como rodapé?)

Os imigrantes ilegais/não documentados tiveram duas oportunidades de regularização (chamaram-se "legalização extraordinária" e ocorreram nos anos de 1993 e de 1996), quando 7.682 brasileiros receberam Autorização de Residência em Portugal (Vianna, s.d., p.1). Os imigrantes sem documentos, como é sobejamente sabido, vivem situações de grande insegurança social e muito limitado horizonte de trabalho - estão fadados ao âmbito de atividades de baixo escalão. São situações difíceis e que só conseguem adquirir beleza sob a magia de Caetano Veloso ao cantar "Alegria, alegria":

Caminhando contra o vento,

Sem lenço, sem documento.

No Sol de quase dezembro,

Eu vou! (...)

Eu tomo uma coca-cola.

Ela pensa em casamento.

E uma canção me consola.

Eu vou!

Por entre fotos e nomes

Sem livros e sem fuzil.

Sem fome, sem telefone.

No coração do Brasil.

Ela não sabe, até pensei.

Em cantar na televisão.

O Sol é tão bonito.

Eu vou!

Sem lenço, nem documento.

Nada no bolso e nas mãos.

Eu quero seguir vivendo amor

Eu vou!

Por que não? Porque não? (...)

            E a canção de Caetano Veloso ficava repetindo: Por que não? Por que não? Muitos brasileiros começaram a se perguntar: "Por que não ir para Portugal?"

Segundo pesquisa efetuada em setembro de 2000, especialmente para esse estudo, o Consulado Brasileiro em Lisboa afirmou não ter condições de apontar o número de emigrantes brasileiros em Portugal, por várias razões: 1) por haver numerosas situações à margem dos dispositivos legais que regulam a entrada e a permanência de estrangeiros no país; 2) pelo fato de o Consulado não ter atribuições de controle sobre a entrada da população estrangeira/brasileira no país. Complementando um pouco essa última idéia, ouvi de funcionários do Consulado do Brasil a afirmativa de que o brasileiro, quando em Portugal, só "passa a existir" por assim dizer, no momento em que procura o Consulado; e muitos não o fazem. Apenas como um indicador, aponta-se que as Inscrições Consulares de Cidadãos Brasileiros, tendo como ano base 1984, apresentavam, em 1999, o aumento expressivo de 370% de inscrições.[[12]](http://www.museu-emigrantes.org/neidi-fiori.htm" \l "_ftn12" \o ")

A entrevista com funcionários do Consulado do Brasil confirmou a crescente presença de brasileiros em Portugal - crescente e inesperada -, sentindo-se, por vezes, a repartição governamental não adequadamente aparelhada em termos administrativos-burocráticos para tanta demanda.  A preocupação do Consulado do Brasil com a questão legal, cultural, política, econômica e social que envolve os emigrantes brasileiros não é recente. Assim, sob os auspícios desse órgão, já se realizou, na cidade de Lisboa, o **I Simpósio Internacional sobre a Emigração Brasileira**; estavam presentes personalidades como Neide Patarra, pesquisadora brasileira, e Manuela Aguiar, política portuguesa.

Saliente-se que a imprensa brasileira, bem antes do evento acima, foi pioneira no sentido de ocupar-se com os brasileiros que estavam deixando o país; assim antecipou-se à academia e ao governo. É verdade também que as preocupações oficiais com o tema ainda são recentes, tanto que somente no Censo Populacional do ano 2000 foram incluídas perguntas destinadas a levantar a situação dos brasileiros no exterior.

Muitas coisas ainda haveria para falar sobre emigrantes em Portugal: o estatuto de igualdade de direitos entre brasileiros e portugueses; a situação dos emigrantes oriundos de países de fala portuguesa etc. Pensando agora a questão sob o ponto de vista brasileiro, pode-se dizer que o fato de o país haver se tornado uma terra de emigrantes, isto é, "exportadora de homens", ainda não penetrou completamente na consciência nacional.

No ano de 1995, um seminário realizado pelo Ministério da Justiça analisou a saída de brasileiros para o exterior, sendo que à época a grande meca era o país norte-americano. O evento governamental figurou pouco depois, em 5 de outubro, em manchete do jornal *O Estado de São Paulo:* "1 milhão de brasileiros vivem fora do país". Essa cifra

provocava reação de surpresa e constrangimento: é muita gente! Um milhão de pessoas que, predominantemente a partir do final da década de 80, havia deixado o país em busca de melhores condições de emprego e salário, mas também, possivelmente, em busca de novas modalidades de convivência social, parecia simbolizar uma nova realidade. (Martes, 1999, p.15)

Uma realidade que muitos interpretam como sendo altamente negativa, no sentido de que o Brasil teria perdido o "bonde da história", ou seja, deixado a trilha do desenvolvimento econômico  ao se incorporar ao time dos países exportadores de mão-de-obra (Sales, 1995, p.90). De qualquer forma, trata-se de um fato social novo para nós, os brasileiros. Endossando palavras de Carlos Vainer, pode-se perguntar:

Estaremos nós preparados para pensar como se constroem a imigração e o imigrado brasileiros?  Tenho sérias dúvidas a esse respeito.  Acredito estarmos, hoje, bastante despreparados para examinar com um mínimo de abrangência e rigor científico o fenômeno de construção social - econômica, política, cultural - do emigrado brasileiro.  Afinal de contas, pensar nossa imigração, supõe a capacidade de pensar nossa própria condição nacional como condição de estrangeiro - o *emigrado* daqui é o *imigrado* de lá. A dificuldade não radica tanto na falta de dados (embora esta seja real), mas numa espécie de carência cultural que nos dificulta apreender a dimensão sócio-psicológica, mas também econômica e político-ideológica, do que seja a emigração enquanto experiência partilhada por uma nação. (Vainer, 1995, p.40)

Os estudos revelam que a experiência de Portugal como um país receptor de imigrantes é um fato social das últimas décadas. E esse país de acolhimento também está, por certo, aprendendo sobre como viver essa nova situação, que se apresenta mais complexa ainda em virtude dos fenômenos relacionados com a globalização e o aflorar da questão étnica/cultural.  Não só Portugal, mas sabe-se que a própria Europa se depara com preocupações dessa ordem, que se expressam muito bem em artigo do pesquisador português José Machado Pais, que tem o seguinte título colocado de forma interrogativa: "Uma Europa aberta ao multiculturalismo?" (Pais, 1989, p.34).

As considerações que vêm sendo elaboradas fazem lembrar um fato de diferente ordem: o encontro das Cimeiras do Banco Mundial e FMI que, conforme a imprensa então divulgava fartamente, seria realizado em Praga. Mas, em diversas cidades, foram ocorrendo manifestações de oposição a esse encontro, entendido como uma orquestração de interesses que viria a piorar, mais ainda, a situação dos países do chamado Terceiro Mundo. Em relação a esse fato, observei o que segue.  Um fim de tarde, no dia 26 de setembro de 2000, na região da Baixa de Lisboa (zona central da cidade), vinha um grupo de jovens portugueses portando faixas e cartazes (policiais por perto); com auxílio de equipamento, clamavam alto o objetivo que os unia: protestavam contra a Cimeira que seria realizada em Praga. Palavras de ordem para cá; protestos para lá, porém suaves se comparados aos violentos movimentos de protestos que muitas vezes se vêem no Brasil. Mas de repente observei, entre as muitas, uma faixa com dizeres que considerei especiais, uma feliz síntese das relações entre migrações humanas e capitalismo. Lá estava escrito simplesmente: "O emigrante é nosso irmão estrangeiro. O capital é que nos explora a todos".  Acho essa frase, retirada de um movimento social, muito adequada para encerrar este estudo.

**Bibliografia**

ALVES, Jorge Fernandes.  **Os brasileiros**: emigração e retorno no Porto oitocentista. Porto, Gráficos Reunidos, 1994.

AZEVEDO, Fernando de.  **A cultura brasileira**.  4a ed. Revista e ampliada. São Paulo, Melhoramentos, 1964.

BAYCROFT, Timothy**.  O nacionalismo na Europa**: 1789-1945.  Lisboa, Temas de Debates, 2000.

BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo. Migrações internacionais no Brasil; um panorama histórico. *In*: PATARRA, Neide Lopes. (Org.).  **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo.**  2a. ed. Campinas (São Paulo), FNUAP, 1995.p

BÓGUS, Lucia Maria Machado.  Migrantes brasileiros na Europa Ocidental: uma abordagem preliminar. *In*: PATARRA, Neide Lopes. (Org.).  **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo.**  2a. ed. Campinas (São Paulo), FNUAP, 1995.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Consulado do Brasil em Lisboa. Inscrições Consulares de Cidadãos Brasileiros - anos 1984 a 2000. (Inscrições consulares lançadas no computador).

CARNEIRO, J. F.  **Imigração e colonização no Brasil**.  Rio de Janeiro, Faculdade Nacional de Filosofia, Cadeira de Geografia do Brasil. Publicação Avulsa n. 2.  1950.

CASTELLS, Manuel.  **O poder da identidade**.  São Paulo, Paz e Terra, 1999.

FERRO, Marc. **História das colonizações**: das conquistas às independências - séculos XIII a XX.  São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

FONSECA, Arthur; FERREIRA, Reinaldo; SEQUEIRA, Vasco Mattos.  **Uma casa portuguesa**. Na voz de Roberto Leal, no CD “Convite para ouvir”. CD Comercial Fonográfica RGE Ltda.

GIDDENS, Anthony.  **O mundo na era da globalização**.  Lisboa, Editorial Presença, 2000.

LEAL, Roberto; LÚCIA, Márcia.  **Quem somos nós**.  Na voz de Roberto Leal, no CD “Quem somos nós” .  CD Comercial Fonográfica RGE Ltda.

LEITE, Joaquim Costa. O Brasil e a emigração portuguesa (1855-1914). *In*: FAUSTO, Boris. (Org.). **Fazer a América**: a imigração em massa para a América Latina.  São Paulo, Editora da USP, 1999.

LIMA, Licínio. Portugal corre o risco de perder identidade.  Jornal **Diário de Notícias**.  Lisboa, 22 de setembro de 2000. (Jornadas).

MARTES, Ana Cristina Braga. **Brasileiros nos Estados Unidos**: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

MARTINS, Moisés de Lemos. **Para uma inversa** **navegação**: o discurso da identidade. Porto, Afrontamento, 1996.

MONTEIRO, John Manuel.  As "raças" indígenas no pensamento brasileiro do Império. *In*: MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura (Org.)  **Raça,** **ciência e sociedade**. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 1998. (1a reimpressão.).

PAIS, José Machado. Uma Europa aberta ao multiculturalismo?  Atitudes dos jovens europeus perante os imigrantes. **Revista USP**, Universidade de São Paulo. N.1 (mar./mai. 1989).  São Paulo, SP:USP,COS,1989.

PAIXÃO, Manuela. Sim aos imigrantes desde que católicos.  Jornal **Diário de Notícias**.  Lisboa, 17 de setembro de 2000. (Sociedade).

PATARRA, Neide l.; BAENINGER, Rosana. Migrações internacionais recentes: o caso do Brasil. *In*: PATARRA, Neide Lopes. (Org.).  **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo.**  2a. ed. Campinas (São Paulo), FNUAP, 1995.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Identidade cultural, identidade nacional no Brasil. **Revista Tempo Social**, USP, São Paulo, 1(1):29, 1. sem. 1989.

RÉMOND, René.  **O século XIX**:1815-1914. São Paulo, Editora Cultrix, 1986.

RIBEIRO, Carla Alves. **Revista Visão**. Lisboa, Portugal, no. 393, 21 a 27 de setembro de 2000.

RIBEIRO, Hélcion.  **Identidade do brasileiro**: "capado sangrado" e festeiro.  Petrópolis, Vozes, 1994.

ROCHA, Carlos; NAZARÉ, Aníbal.  **Sempre que Lisboa canta**. Na voz de Fafá de Belém, no CD "Meu fado". Sigla Sistema Globo de Gravações.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz; CAEIRO, Domingos.  **Portugal-Brasil**: migrações e migrantes, 1850-1930.Lisboa, Edições Inapa, 2000.

SALES, Teresa.  O trabalhador brasileiro no contexto das novas migrações internacionais.  *In*: PATARRA, Neide Lopes. (Org.).  **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo.**  2a. ed. Campinas (São Paulo), FNUAP, 1995.

SEYFERTH, Giralda. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. *In*:  MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura (Org.).  **Raça,** **ciência e sociedade**.  Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 1998. (1a reimpressão.).

SKIDMORE, Thomas E.  **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. 2a ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

STONEQUIST, Everett, V. **O homem marginal**: estudo de personalidade e conflito cultural.  São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora, 1948.

SÜSSEKIND, Flora.  **O Brasil não é longe daqui**: o narrador, a viagem. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

VAINER, Carlos B. Estado e migração no Brasil: da imigração à emigração.  *In*: PATARRA, Neide Lopes (Org.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo.**  2a. ed. Campinas (São Paulo), FNUAP, 1995.

VELOSO, Caetano.  **Alegria, alegria**.  Letra, música e voz de Caetano Veloso, Rio de Janeiro, Pedra Q Ronca, 1977.

VIANNA, Carlos.  **A comunidade brasileira em Portugal**.  S.l, s.d. Mimeo.

\* Estudo apresentado no ***International Migration in Latin America Enters a New Millennium***, realizado pela ***International Sociological Association*** (ISA), de 02 a 04 de novembro de 2000, na cidade de Buenos Aires, Argentina. Publicado em: FERREIRA, José Maria Carvalho; SCHERER-WARREN, Ilse (org.). **Transformações sociais e dilemas da globalização**: um diálogo Brasil/Portugal. Lisboa: Celta, 2002, p.61-79, e em: SCHERER-WARREN, Ilse; FERREIRA, José Maria Carvalho (org.). **Transformações sociais e dilemas da globalização**: um diálogo Brasil/Portugal. São Paulo: Cortez, 2002, p.69-89.

\*\* Professora da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).  Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

[1] O título do trabalho foi inspirado na obra **New reflections on the resolutions of our time**, de Ernest Laclau, editada em Londres, pela VRS, no ano de 1990, em que Laclau utiliza o conceito de "deslocamento" para se referir a situações nas quais as estruturas sociais deslocadas não são mais substituídas por outras, mas por "uma pluralidade de centros de poder" - pólos geradores de diferentes identidades para os indivíduos; citado por STUART HALL. **A identidade cultural na pós modernidade**.  2a ed. Rio de Janeiro, DP&A, 1998.

[[2]](http://www.museu-emigrantes.org/neidi-fiori.htm" \l "_ftnref2" \o ") Durante a fase do Brasil colônia, os portugueses construíram 15 fortes/fortalezas que integravam o chamado "sistema defensivo sul".  As fortalezas Santa Cruz de Anhatomirim, São José da Ponta Grossa e Santo Antônio de Ratones estão, atualmente, sob a responsabilidade da Universidade Federal de Santa Catarina e com restauração concluída.

[[3]](http://www.museu-emigrantes.org/neidi-fiori.htm" \l "_ftnref3" \o ") A título de exemplo de imigração com um perfil diferente da de base agrícola e em regime de pequena propriedade, cabe referência ao estado de São Paulo, onde a cidade do mesmo nome logo desponta como um grande núcleo de convivência interétnica gerado pela presença de imigrantes e como um pólo de desenvolvimento econômico.

[[4]](http://www.museu-emigrantes.org/neidi-fiori.htm" \l "_ftnref4" \o ") Muito sofrido para Portugal quando encarado como realidade cósmica condutora dos portugueses aos descobrimentos, o mar levara Fernando Pessoa a cantar em seus versos: "Ó mar salgado, quanto de teu sal são lágrimas de Portugal".

[[5]](http://www.museu-emigrantes.org/neidi-fiori.htm" \l "_ftnref5" \o ") CÂNCIO, Francisco. Emigrantes. *In*: **Aspectos de Lisboa no século XIX**.  Lisboa, Imprensa Baroet, 1938.

[[6]](http://www.museu-emigrantes.org/neidi-fiori.htm" \l "_ftnref6" \o ") LEVY, M.S.F. O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872-1972). **Revista de Saúde Pública**. São Paulo, v.8, complemento, 1974. P.73.

[[7]](http://www.museu-emigrantes.org/neidi-fiori.htm" \l "_ftnref7" \o ") GODINHO, Magalhães.  **Estrutura da antiga sociedade portuguesa**.  Lisboa, Arcádia, 1971. P.141-163.

[[8]](http://www.museu-emigrantes.org/neidi-fiori.htm" \l "_ftnref8" \o ") A existência desse sincretismo religioso foi apontada, pela vez primeira, por Raymundo Nina Rodrigues com referência ao candomblé baiano, em estudo publicado sob o título de **Os africanos no** **Brasil** (1935).

[[9]](http://www.museu-emigrantes.org/neidi-fiori.htm" \l "_ftnref9" \o ") Adoto o entendimento de que antes da independência política de 1822, a presença dos portugueses no Brasil derivava da posição de colonizadores e não de imigrantes.

[[10]](http://www.museu-emigrantes.org/neidi-fiori.htm" \l "_ftnref10" \o ") "O 'homem marginal' é produto incidente de um processo de aculturação, que ocorre inevitavelmente quando povos de diferentes culturas e raças se reúnem para viver em comum". (Stonequist, 1948, p. 31).

[[11]](http://www.museu-emigrantes.org/neidi-fiori.htm" \l "_ftnref11" \o ") **Revista Veja** de 7 de agosto de 1991.

A imigração italiana foi favorecida pela maior facilidade relativa com que o país concede passaporte aos descendentes de italianos.

[[12]](http://www.museu-emigrantes.org/neidi-fiori.htm" \l "_ftnref12" \o ") BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Consulado do Brasil em Lisboa. Inscrições Consulares de Cidadãos Brasileiros  - anos 1984 a 2000. (inscrições consulares lançadas no computador).